

3

As economias emergentes do Oriente

Para Bowersox e Closs (2001), o crescimento econômico observado nos países emergentes está entre os principais fatores que impelem as empresas a entrar na arena internacional.

A estabilização, ou mesmo a redução, no crescimento populacional observado nos países industrializados após a Segunda Guerra Mundial, praticamente forçou as empresas a buscarem novas alternativas para o aumento da receita e do lucro em outras regiões, principalmente nos países em desenvolvimento.

Neste contexto, algumas economias emergentes da Ásia, principalmente a China e a Índia, despertaram o interesse das empresas que passaram a considerá-las em seus planos de expansão internacional.

Analisa-se, a seguir, o crescimento econômico e o desenvolvimento e a organização do setor petróleo nestes dois países.

3.1.

O crescimento econômico da China

O crescimento econômico verificado na China nos últimos 20 anos foi superior a qualquer previsão que tenha sido feita.

O World Bank publicou um relatório em 1983 onde previa um crescimento em torno de 5 a 6% na primeira metade da década de 80. Já em 1985, o órgão publicou um novo relatório prevendo um crescimento anual entre 5,4 e 6,6% entre 1981 e 2000. Finalmente, o relatório de 2008 reportou crescimento de 11,9% em 2007, bem acima das previsões que foram feitas nos relatórios anteriores. Mesmo com a crise econômica global, em 2008, o nível de crescimento econômico observado na China foi de 9,0%, ainda superior àquele previsto pelo órgão (World Bank, 2009).

Naturalmente, algumas questões surgem da análise deste cenário:

- Que impactos este crescimento trará à economia mundial?

- É possível comparar este padrão de crescimento a algum outro padrão verificado no mundo?
- Este crescimento é uma oportunidade ou uma ameaça?

Segundo Hu (2007),

“os cinco maiores efeitos de escala do crescimento da China no mundo são: o efeito de escala da população, o efeito de escala do emprego da mão-de-obra, o efeito de escala do rápido crescimento econômico, o efeito de escala da abertura de mercado e negociação e o efeito de escala do consumo de recursos.”

Ainda em seu trabalho, Hu (2007) faz algumas considerações interessantes a respeito destes fatores, quando comparados, por exemplo, ao crescimento observado em outros países, tais como os Estados Unidos e o Japão:

a) Crescimento da população

Observa-se, por exemplo, que no início de seu crescimento econômico, os Estados Unidos tinham uma população estimada em 40,24 milhões (em 1870) e o Japão algo em torno de 83,81 milhões (em 1950), quando também se iniciou seu processo de crescimento.

No caso da China, observa-se que a população era de cerca de 962,59 milhões no início do seu crescimento econômico em 1973, cerca de 20 vezes a dos Estados Unidos e 10 vezes a do Japão em seus respectivos inícios. Tal situação traz como consequência a ampliação dos impactos sobre o crescimento do país, em função da aceleração da industrialização, urbanização e modernização decorrentes deste crescimento.

b) Crescimento da mão-de-obra

Segundo um antigo provérbio chinês, “se você quer um ano de prosperidade, faça crescer os grãos; se quer dez anos de prosperidade, faça crescer as árvores; mas se quiser cem anos de prosperidade, faça crescer as pessoas”.

No caso, cresce não apenas o quantitativo de mão-de-obra, mas também o percentual de sua participação em atividades de maior produtividade, migrando de setores agrícolas para atividades industriais.

c) Crescimento econômico

Estima-se que em 2020, a economia mundial tenha 5 grandes participantes: China, Estados Unidos, Europa Ocidental, Índia e Japão, nesta ordem em termos de escala econômica. A economia destas regiões deverá ser responsável por cerca de 60% do total da economia mundial.

d) Abertura de mercado

Nas últimas duas décadas, a China experimentou um rápido processo de transformação de uma economia fechada para um mercado aberto, com grande participação na economia global. A China tanto se tornou um grande exportador mundial quanto importador. O país cresceu de uma participação de 1,0% nas importações mundiais em 1980 para cerca de 6,7% em 2007, assumindo o terceiro lugar, logo atrás da Alemanha (7,4%) e dos Estados Unidos (14,2%) (*World Trade Organization, 2008*).

e) Consumo de recursos

A China pode ser considerada como um país com grandes recursos. No entanto, em função da sua elevada densidade demográfica, o consumo de recursos per capita situa-se bem abaixo da média mundial. Segundo relatório da British Petroleum, o consumo per capita de petróleo na China está entre os mais baixos do mundo, conforme ilustra a figura 5.

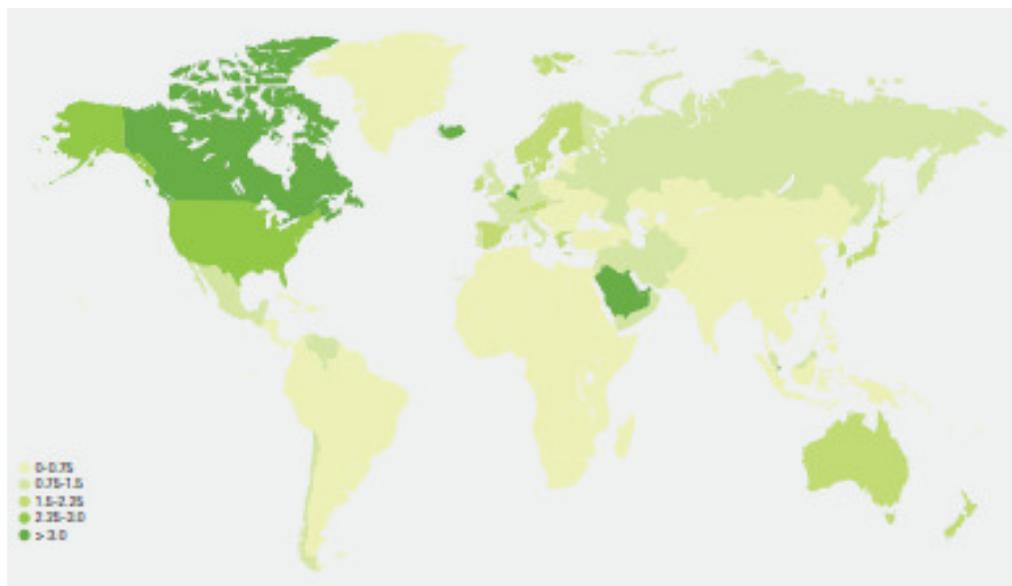


Figura 5 – Consumo de petróleo per capita no mundo. Fonte: BP, 2009.

Tais considerações mostram as potencialidades desta economia e justificam o grande interesse que a China tem despertado para a expansão internacional de algumas empresas, entre elas as do setor petróleo.

Segundo Hu (2007),

“a história econômica moderna mostra que o processo de modernização de um país é um processo de intenso consumo de energia, com o consumo per capita se desenvolvendo de um nível baixo para um nível mais alto”.

A exemplo do que ocorreu com os Estados Unidos e com o Japão, o desenvolvimento econômico na China tende a elevar o seu consumo per capita de energia, fazendo com que o país seja uma oportunidade estratégica, principalmente para as empresas que atuam neste ramo econômico.

Hu (2007) afirma que “o crescimento da China não apenas transformará o país de uma forma profunda, mas também dará uma nova forma ao mundo”.

3.2.

O crescimento econômico na Índia

A Índia também tem se destacado por seu rápido crescimento nas últimas duas décadas, apesar de apresentar particularidades em relação ao crescimento observado em outras nações, principalmente o fato de que seu crescimento se deu de forma desigual entre os diversos estados que compõem o país.

Segundo Kohli (2006a),

“no último quarto de século, a economia da Índia cresceu a uma taxa média de 6% a.a. Considerando que praticamente não cresceu na primeira metade do século XX, e que depois de sua independência cresceu a taxas de 3 a 4% a.a., estes resultados mais recentes são bastante promissores”.

Os indicadores apresentados na tabela 1 ilustram o crescimento da Índia desde a década de 50.

Tabela 1 – Taxas de crescimento da Índia, 1950-2004 (% a.a.)

	1950 1964	1965 1979	1980 1990	1991 2004	1980 2004
Crescimento do PIB	3,7	2,9	5,8	5,6	5,7
Crescimento Industrial	7,4	3,8	6,5	5,8	6,1
Crescimento Agrícola	3,1	2,3	3,9	3,0	3,4

Fonte: Kohli, 2006a.

Observa-se que o crescimento industrial observado na década de 80 não se sustentou na década seguinte, sendo inferiores aos níveis observados na década de 50. No entanto, há de se considerar que o crescimento na década de 50 se deu a partir de um nível muito mais baixo do que o da década de 80, o que significa que, em termos reais, o crescimento das últimas duas décadas trouxe maiores repercussões para a economia do país, considerando-se principalmente a liberação do acesso do setor privado em áreas antes proibidas, tais como a de geração de energia.

Mas, ainda em comparação com outras economias, a abertura da Índia para o mundo mostrou-se modesta na última década. Neste cenário, a desintegração da União Soviética, com quem a Índia mantinha estreitas relações comerciais, forçou o país a buscar novos parceiros, neste caso em uma situação muito mais desfavorável, e de uma forma bastante diferente entre os diversos estados que compõem o país.

Para Kohli (2006b),

“as reformas da última década abriram novas oportunidades para alguns estados indianos e deixaram outros em desvantagem. Se as condições de vantagem ou desvantagem iniciais eram importantes, também o foram os contrastantes comportamentos dos governos dos estados”.

Assim, os estados que criaram uma espécie de aliança para o crescimento, experimentaram um crescimento econômico maior do que os que não adotaram a mesma prática.

Para Kohli (2006b), esta influência da prática adotada pelos diferentes estados é o que justifica o crescimento observado no país, mais do que a política de abertura implantada a partir da década de 80, diferenciando-o em relação aos demais países emergentes no mesmo período.

3.3. Efeitos do crescimento no mercado de petróleo

Segundo publicação da US International Trade Commission (2006),

“o crescimento da China como consumidor de energia gerou uma expectativa de que o aumento da demanda doméstica do país poderia provocar um decréscimo da disponibilidade de petróleo no mercado mundial, com impactos na distribuição e no preço”.

Esta afirmação, no entanto, não é consenso na bibliografia estudada. Alguns pesquisadores argumentam que, apesar do crescimento chinês provocar alterações no mercado de petróleo, é difícil estimar, por exemplo, a longevidade deste crescimento.

Na tabela 2 apresenta-se um levantamento dos principais países consumidores de petróleo no mundo, a partir de 2000, indicando-se a participação percentual no consumo mundial em 2008 e a variação percentual no período 2000-2008.

Tabela 2 – Principais consumidores de petróleo 2000-2008 (milhões de toneladas)

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	% 2008	% 00/08
EUA	897,6	896,1	897,4	912,3	948,8	951,4	943,8	942,3	884,5	22,5	-1,5
China	223,6	227,9	247,4	271,7	318,9	327,8	346,1	362,8	375,7	9,6	68,0
Japão	255,5	247,5	243,6	248,9	241,1	244,1	237,5	229,3	221,8	5,6	-13,1
Índia	106,1	107,0	111,3	113,1	120,2	119,6	120,4	128,5	135,0	3,4	27,2
Rússia	123,5	122,3	123,5	123,4	123,3	121,9	127,1	126,2	130,4	3,3	5,6

Fonte: BP, 2009.

Observa-se, no período analisado (2000-2008), que a China apresentou o maior crescimento percentual do consumo de petróleo no mundo (68%), seguida da Índia (27,2%), ambas superando aos Estados Unidos que apresentou decréscimo no mesmo período. Destaca-se que a retração observada no consumo de petróleo pelos Estados Unidos em 2008, e que provocou a retração do consumo observado no período, decorre da crise econômica que se instalou naquele país e no mundo. Apesar desta crise, as economias chinesa e indiana destacaram-se pelo aumento do consumo de petróleo no período.

No entanto, em termos absolutos, os Estados Unidos foram os responsáveis, em 2008, pelo consumo de aproximadamente 22,5% do petróleo mundial, enquanto que a China consumiu 9,6% e a Índia, ainda menos, 3,4%.

O consumo per capita de petróleo na China é de cerca de 1/8 do valor dos Estados Unidos. Argumenta-se assim, que muito mais forte tende a ser a influência dos Estados Unidos, líder mundial no consumo de petróleo, no decréscimo do petróleo no mundo, e mesmo assim, a presença americana não tem exercido tal influência. Em função disso, não há consenso sobre a influência do crescimento do consumo da China neste decréscimo.

Preparando-se para os níveis crescentes de consumo, a China tem investido em reservas *offshore* e em investimentos fora do país como forma de se defender quanto à possível dependência da importação de petróleo, o que poderia lhe colocar em uma posição mais vulnerável no mercado. Estes

investimentos têm sido feitos em países geralmente fora dos alvos das grandes multinacionais de petróleo, como Sudão, Kazaquistão e Angola.

Conforme já comentado, ainda analisando-se a tabela 2, observa-se outra tendência, que é o crescimento da Índia no cenário da indústria do petróleo na Ásia.

Segundo Duarte (2005), “mesmo a Índia tendo começado mais tarde, está utilizando uma estratégia expansionista bastante agressiva”.

Em seu trabalho, o autor afirma que

“Segundo o *The Times*, a India's Oil & Natural Gás Corporation investiu \$ 3,5 bilhões de dólares na exploração e desenvolvimento fora do país desde 2000. Este montante é ainda muito pequeno, se comparado aos estimados \$ 40 bilhões de dólares gastos pela China National Petroleum Corporation, mas ainda é o início do que está se transformando numa competição entre as duas economias de mais rápido crescimento no mundo”.

Não por acaso, os investimentos da Índia fora do país se concentram na Rússia, Sudão, Angola, Vietnam e África Ocidental, onde também a China tem realizado alguns de seus investimentos.

Ressalta-se que tais efeitos sobre o mercado de petróleo constituem-se em oportunidades de negócio para ampliação da capacidade de processamento de matéria-prima nestes países.

3.4. Organização do setor petróleo

Até 2001, a indústria de petróleo na China era dominada por algumas empresas estatais, apesar de ser permitida, nesta época, a entrada de empresas privadas no mercado. Desta forma, a indústria de petróleo chinesa é prioritariamente controlada pelo governo.

De acordo com a publicação da US Internacional Trade Commission (2006),

“o governo chinês espera estabilizar a produção na parte oriental do país nos níveis atuais, aumentar a produção fora do país e em novos campos no lado ocidental, e desenvolver a infra-estrutura necessária para entregar o petróleo produzido no lado ocidental para os consumidores do lado oriental. O sucesso dependerá da capacidade de dobrar os atuais 14.478 quilômetros de dutos, planejados até 2015.”

Em 2001, com a entrada da China na World Trade Organization (WTO), observou-se uma aceleração dos investimentos estrangeiros no país, fruto, entre outros aspectos, da redução, praticamente a zero, das tarifas de petróleo, além da abertura de cerca de 10% do setor petróleo no país.

No entanto, o governo chinês é majoritário nas 3 principais empresas do país: China National Petrochemical Corporation (Sinopec), China National Petroleum Corporation (CNPC) e China National Offshore Oil Corporation (CNOOC), não permitindo a presença de investidores estrangeiros na diretoria de tais empresas.

A estratégia chinesa é de utilizar os investimentos estrangeiros como meio de acesso às tecnologias e ao capital necessário para o desenvolvimento de sua indústria. Assim é que hoje, grandes empresas como Conoco Phillips, Chevron Texaco e Shell operam no país.

Em relação à Índia, Dey (2001), em seu trabalho, divide o processo de organização do setor petróleo em três fases:

a) Fase I (1947-1969)

O governo indiano consolidou o controle sobre a indústria com apoio da União Soviética, principalmente a partir da independência do país, já que antes somente algumas empresas anglo-americanas controlavam o setor.

b) Fase II (1970 a 1980)

Marcada pela redução da influência soviética, sendo substituída pelo domínio das empresas americanas. Este domínio teve início com a exploração offshore, mas a partir de 80, o governo indiano permitiu também a entrada das companhias no setor de refinação do petróleo.

c) Fase III

Caracterizada pelo liberalismo econômico da década de 90. O setor de refino foi totalmente desregulamentado e as empresas foram liberadas para importar petróleo sem taxação, para uso em suas próprias refinarias no país.

Observa-se, com isso, que a ambos os países interessa a entrada de capital estrangeiro no setor, mesmo que controlado pelo governo em alguns casos.

Daí, mais uma vez, justificam-se os interesses das empresas em ampliar seus negócios nestas duas economias.

3.5. Tendência do mercado futuro de óleo e derivados

No panorama mundial do consumo de petróleo, estima-se que a demanda de energia primária deve crescer em média 1,6% ao ano até 2030, esperando-se que 70% do aumento desta demanda venha de países em desenvolvimento, especialmente a China.

Espera-se que o aumento da demanda seja, prioritariamente, devido ao crescimento da população e do Produto Interno Bruto (PIB). Estima-se que cada 1% de crescimento do PIB se reflita em 0,5% de crescimento do consumo de energia primária.

Em termos de fluxo líquido de petróleo, a China e a Índia passam a ter uma forte dependência da importação do óleo, incrementando-se a movimentação de matéria-prima para esses mercados.

Segundo a International Energy Agency (IEA), os investimentos em refino na Ásia continuarão elevados nos próximos anos, destacando-se:

China

A capacidade de refino deve aumentar em 2,5 milhões de barris por dia até 2011, liderada pela Sinopec e Petrochina, com alguns movimentos de *upgrading* para processamento de óleos mais pesados.

Índia

O país deve liderar o aumento de capacidade com cerca de 80% da capacidade adicional do restante da Ásia. Destaca-se a nova refinaria de Jamnagar, com capacidade para processamento de 600 mil barris por dia, com início da operação previsto para 2010.

Neste cenário, é bastante provável que as grandes companhias de petróleo busquem oportunidades nestes mercados, algumas com focos mais cautelosos em função de incertezas, outras de uma forma mais agressiva ou mesmo buscando oportunidades em mercados de menor visibilidade, que possam ser utilizados como uma etapa intermediária para novas aquisições.

Corroborando com esta idéia, Bezerra (2005) afirma que

“nesses casos, a solução é trabalhar o projeto nos níveis intermediários da organização, elaborando os mapas de interesses, considerando os cenários macroeconômicos e a forma de tratá-los, para que o processo

avance. Esse avanço deve ser conduzido com o objetivo de ampliar o nível de conhecimento da empresa-alvo e consolidar a visão sobre o ambiente macroeconômico e regulatório, para que os conflitos e questões internas quanto à validade da oportunidade sejam superados”.

Para Bowersox e Closs (2001), “embora a China seja considerada a terceira economia do mundo, permanece um país de terceiro mundo sob muitos aspectos, principalmente no que diz respeito à infra-estrutura logística e de canais de distribuição”.

Certamente, este aspecto exerce grande influência na decisão das empresas, mesmo aquelas que se destacam no mercado de petróleo, em relação à aquisição de ativos naquele país.

Para os mesmos autores,

“uma recente pesquisa informal entre executivos de logística mostrou que as operações na China nunca estiveram melhores, mas que o país é atualmente uma das experiências mais desafiadoras no mundo dos negócios.

Nestas condições, a operacionalização da logística na China, e em outras regiões em desenvolvimento no mundo, é um desafio bastante grande” (Bowersox e Closs, 2001).

Fica claro que, dentro de uma visão de empresas globalizadas, as operações internacionais merecem especial atenção em relação à forma como devem ser gerenciadas. Esta mudança na forma de atuação exige dos executivos destas empresas a adoção de práticas e procedimentos que garantam um adequado acompanhamento das operações, com insumo para a tomada de decisões.

No próximo capítulo, descreve-se a ferramenta proposta pela área internacional da Petrobras, com o objetivo de avaliar os impactos no fluxo de petróleo e derivados, em função da entrada em operação de novas refinarias, colaborando para a tomada de decisão sobre investimentos em áreas de interesse da empresa.